

A NEGOCIAÇÃO DA INFÂNCIA EM PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria Aparecida Cruz de Oliveira *

Resumo:

Como é representada a infância de crianças negras na literatura afro-brasileira contemporânea? Crianças negras raramente são figuradas na literatura brasileira. Ocupam um lugar claramente periférico na tradição literária e isso justifica a quase inexistência de crianças negras protagonistas. Nesse contexto, seria possível a afirmativa de que literatura afro-brasileira surge como uma força em que seus escritores são os atores sociais capazes de dar representatividade à infância? Entende-se que o projeto estético e político dessa literatura atua para tentar concretizar essa tarefa, tendo, no mais das vezes, caráter visibilizador. De antemão é possível afirmar que as crianças negras narradas na afro-brasileira são cunhadas como atores históricos capazes de reagir e engendrar tensões e conflitos para criar momentos de escape, como forma de resistência às opressões vivenciadas. Assim, este trabalho pretende examinar afiguração do espaço social da infância nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da literatura Memória* (2006). A infância aqui discutida parte da premissa de uma construção histórica, cultural e passível de variações sociais.

Palavras-chave: Representação, Infância, Conceição Evaristo.

Liberdade imperfeita

Um dos principais filósofos do iluminismo, Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio, ou da Educação* (1995), revela que as crianças enfrentam restrições à sua liberdade, isso, já após o nascimento, representado pelos limites de movimentos impostos por faixas e panos colocados por todo o corpo e segue com os entraves impostos pelas instituições sociais.

A protagonista de *Ponciá Vicêncio*, no entanto, é desenhada inicialmente, pela narradora, como uma criança sem faixas e com força para realizar movimentos. A narrativa dá destaque ao poder de movimento e à ânsia por liberdade da menina Ponciá, símbolo da vontade e do desejo de andar, de auferir a liberdade e circular em busca de uma autonomia: “Um dia, a mãe com ela nos braços estava de pé junto do fogão a lenha, olhando a dança do fogo sob a panela fervente, quando a menina veio escorregando mole. Veio forçando a descida pelo colo da mãe e pondo-se de pé, começou as andanças” (EVARISTO, 2003, p.16).

Conceição Evaristo partilha da ideia de Rousseau (1995, p. 55), quanto à necessidade de “dar às crianças mais verdadeira liberdade e menos domínio, deixar que façam por si mesmas e exijam menos dos outros”. Quando começa a andar Ponciá precisa menos do outro, e essa “força” é o início do desenvolvimento do conhecimento e das condições para que possa dirigir a si mesma. Porém, no decorrer da trama fica evidente que

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura na Universidade de Brasília. E-mail: cidacruz1@hotmail.com

a autonomia da menina vai esvaindo-se ao passo que sua condição de descendente de escravo lhe é revelada.

Rousseau entende a liberdade do infante como algo natural da criança, porém chega a ser retirada da naturalidade pelas instituições e pelo preconceito. A liberdade da criança é limitada pela fragilidade imposta pela sociedade. O entrave imposto impossibilita a felicidade da criança, já que essa só pode ser feliz de acordo com Rousseau, quando faz o que deseja e não quando está submetida ao desejo do outro. Com esse fundamento podemos dizer que o caso das crianças negras escravas ou descendentes de escravos, que vivem presas às chagas da escravidão é mais complexo ainda. Elas estão bem longe de alcançar essa felicidade, pois suas necessidades são bem maiores que o poder de realizá-las. Assim a trama figura uma “liberdade imperfeita” para as crianças negras. Rousseau explica:

Antes que os preconceitos e as instituições humanas alterem nossas tendências naturais, a felicidade das crianças, bem como as dos homens, consiste no emprego de sua liberdade; mas essa liberdade, nas primeiras, é limitada pela fraqueza. Quem quer que faça o que deseja é feliz, se se basta a si mesmo: é o caso do homem vivendo em seu estado natural. Quem quer que faça o que deseja não será feliz se suas necessidades ultrapassarem as forças: é o caso da criança no seu estado. As crianças não gozam, mesmo em seu estado natural, senão uma liberdade imperfeita, semelhante a de que gozam os homens na sociedade(ROUSSEAU, 1995, p. 68).

Sem possibilidade de reação, quando humilhado pelo coronelzinho, o pai de Ponciá Vicêncio sente desejo de sair das terras do Senhor Vicêncio e lutar por uma vida melhor, porém a sociedade fez o homem negro semelhante aos infantes, mais fraco, não apenas retira o “direito que lhe tinha sobre suas próprias forças, como também as tornando insuficientes. Eis porque seus desejos se multiplicam na fraqueza da infância e eis o que faz a fraqueza da infância em relação ao adulto” (ROUSSEAU, 1995, p. 67).

Em *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o Obstáculo*, Starobinski recordar a infância de Rousseau, descrevendo-a a partir do termo “parecer”, “malefício da aparência” e acaba por chama essa infância de “perturbação brutal”. Retraça a revelação traumatizante de Rousseau, em que é acusado injustamente de ter quebrado um pente. A este fato atribui uma importância decisiva na sua infância. Revela que “desde esse momento teria deixado de gozar de uma felicidade pura” (STAROBINSKI, 1991, p. 19).

O episódio, de acordo Starobinski (o incidente do pente quebrado), provoca a “catástrofe (a queda), que destrói a pureza da felicidade infantil”. Depois dessa ocorrência surge a injustiça, e a infelicidade torna-se um fato ou uma possibilidade. “Essa lembrança tem o valor de um arquétipo: é o encontro da acusação injustificada, Jean-Jacques parece

ser culpado sem o ser realmente” (STAROBINSKI, 1991, p. 19). A infância é dividida entre o antes e o depois da queda, o momento de felicidade e de infelicidade.

Ferretti (2004) reafirma a leitura de Jean Starobinski sobre Rousseau, de modo claro e didático, pontua o incidente do pente quebrado como a passagem de um estado a outro: a infância para ela é o momento da vida no qual se é inocente e feliz, mas ainda na infância a felicidade infantil se esquivava, é perturbadora. Aponta para a catástrofe que destrói a pureza da felicidade infantil. A partir dessa queda, a injustiça, a infelicidade se aproxima ou é possível para a criança. Ratifica, então, que as crianças passam por duas fases no período da infância. O primeiro momento é de felicidade e o posterior é de perda de felicidade (FERRETTI, 2004, p. 34).

O incidente do menino, pai de Ponciá, em partes é semelhante ao caso de Rousseau. O menino é visto injustamente como escravo, judicialmente não o era, mas socialmente ou na “aparência”, como chamou Starobinski, tudo encaminhava para lhe ser imputada tal carga. Ele tinha a obrigação de brincar com o coronelzinho “era o cavalo onde o mocinho galopava” (EVARISTO, 2003, p.17). O problema da aparência se complica quando o coronelzinho exigia que o menino abrisse a boca para que pudesse urinar dentro.

Inicia-se aí o processo da crise da infância para esse filho de escravos. A consequência dessa acusação é a descida do “véu” entre o menino e ele mesmo, ele “oculta sua natureza primeira, sua inocência” semelhante ao que registrou Starobinski referindo-se a Rousseau (1991 p. 22), a desconfiança para com o sinhozinho torna impossível a amizade entre os dois. As palavras de Starobinski podem ser emprestadas para descrever bem a situação desse menino: “Os outros o desconhecem: o eu sofre sua aparência como uma denegação da justiça que lhe seria infligida por aqueles pelos quais queria ser amado” (STAROBINSKI, 1991, p.21).

O evento marca o começo de uma “perturbação”, um conflito infantil; inicia-se uma nova época, “uma nova era de consciência”. Essa nova era se define por uma descoberta essencial, pois pela primeira vez “a consciência tem um passado” (STAROBINSKI, 1991, p.21). Ele percebe sua condição de escravo, questiona a si mesmo e ao pai o porquê da sua condição de servo: Se eram livres, por que continuar ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (EVARISTO, 2005, p. 14).

No momento em que a felicidade infantil lhe escapa, ele reconhece o valor infinito dessa felicidade proibida para um menino pobre, negro, sem um lugar para chamar de seu e

ainda descendente de escravos. A inocência desaparece da vida do menino, agora seus olhos podem ver com clareza a realidade que sempre foi:

Todos os vícios de nossas infâncias corrompiam nossa inocência e enfeitavam nossas brincadeiras. Até o campo perdeu aos nossos olhos esse atrativo de docura e de simplicidade que chega ao coração. Parecia-nos deserto e sombrio; como que se cobria de um véu que nos ocultava-lhe as belezas. As almas não se encontram mais e têm prazer em ocultar-se. Tudo está perturbado, e a criança punida descobre essa incerteza do conhecimento de outrem, que se lamentará” (STAROBINSKI, 1991, p. 20).

O fato parece se repetir na construção da protagonista Ponciá. Ela passa por essas duas fases da infância de Rousseau, a inocência/felicidade e a transparência/infelicidade. A textura narrativa expõe a menina numa variação de sentimentos, os deslumbramentos e os de medos. A criança Ponciá Vicêncio carrega no nome, o qual ela mesma chama de “vazio e distante”, a reminiscência do poderio do Senhor Coronel Vicêncio, dono de terras e de homens.

O brincar já foi algo constante na vida da menina Ponciá. Mostrava-se satisfeita em ser menina, de ser ela própria. Gostava de tudo que envolvia sua infância. Mas a heroína chega ao desencantamento ao fim de uma fantasia, sua infância é interrompida. Seu pai tira-lhe o direito de brincar, corta o milharal (espaço em que brincava). Logo, corriqueiras angústias fazem Ponciá entrar num estágio de negação de si, de sua identidade. Resta-lhe o trabalho artesanal com o barro e o choro.

Infância curta, a menina chega cedo a vida adulta, a qual é marcada por uma situação de introspecção, angústia, momento de silêncio, afastamento dos seus e de si mesma. Paraíso perdido da infância inocente e feliz, a não liberdade para executar atividades infantis conduz a menina a revelação da sua condição social, e assim “a queda” é configurada.

É com essa liberdade imperfeita que Conceição Evaristo representa as crianças negras de *Ponciá Vicêncio*: a menina Ponciá, e o pai de Ponciá quando menino.

A morte simbólica da Infância:

Nesse momento pretende-se analisar os traços narrativos que evidenciam o encurtamento e, ou, simbolicamente, a morte da infância, haja vista a ausência do sentimento em relação à infância apontada por Ariès (1981) e observada em algumas personagens infantis dos romances em estudo.

Um caso em especial é do menino Beto, de *Becos da Memória*. A trama imprime a imagem de uma criança que passa por um envelhecimento precoce. Com a mãe presa e o avô paralítico, o garoto assume as responsabilidades de cuidar da limpeza da casa, da educação dos irmãos e até mesmo de trabalhar.

O resultado não podia ser outro, “o menino estava envelhecido! Perdera todas as feições de criança! Estava adulto, muito adulto. Em poucos meses, sete somente, o menino parecia que ganhara anos e anos de vida” (EVARISTO, 2013). Como narrado, Beto cresce repentina e violentamente, um menino que até ontem era moleque, vira adulto de um dia para o outro, a ponto de mostrar o cansaço no rosto. A morte da infância de Beto é assim marcada, em vários momentos da narrativa.

A composição da infância do personagem Beto nos leva à discussão da definição de dor dada por Rousseau (1995, p.23), o qual traz a lume a ideia de duas dores que o homem fatalmente irá sentir. A “dor da alma” e a “dor física”, isto é, “o destino do homem é sofrer em qualquer época. O próprio cuidado de sua conservação está ligado à dor. Felizes os que só conhecem na infância os males físicos, males bem menos cruéis, bem menos dolorosos do que outros... somente as da alma suscitam o desespero”.

Com essa afirmação Rousseau acaba por dar medida valorativa a uma dor em relação à outra, de modo que a experiência de uma dor física é menos intensa que uma dor psicológica. Essa valoração não é questionada pela narradora de *Becos*, mas ela apresenta a personagem Nazinha, a qual experimenta uma dor diferente do menino Beto, a dor da Alma. A menina é vendida pela mãe e torna-se objeto sexual do seu comprador (EVARISTO, 2013, pp. 57/58).

Assim, quem parece não concordar com Rousseau é a mãe de Nazinha, ela transporta a filha antes do tempo para a vida adulta. “Dando lhe maior necessidade do que ela tem, não aliviando sua fraqueza, antes a aumenta. Aumenta-a ainda exigindo dela o que a natureza não exigia, submetendo às suas vontades o pouco de forças que ela tem para atender as próprias” (grifos meus, ROUSSEAU, 1995, p. 68). A mãe provoca o apagamento da infância da filha para atender a do filho doente. A venda da filha decorre da busca da cura para a dor física desse filho, uma vez que o dinheiro da venda da menina oportunizaria a saúde da outra criança.

Essa mãe certamente seria condenada pela perspectiva de Rousseau a qual afirma que “ninguém tem o direito, nem mesmo o pai de mandar a criança fazer algo que não lhe é útil” (ROUSSEAU, 1995, p. 68).

A menina Nazinha não sabia reconhecer o seu lugar social de criança, a mãe que tinha a ciência lhe impõe a ordenança: “Nazinha acompanhe o moço”. A mãe acaba por indicar o caminho de dor, a menina torna-se mulher antes do tempo. “o homem avisado sabe manter-se em seu lugar; mas a criança, que não conhece o dela, nele não pode manter-se... cabe aos que governam mantê-la em seu lugar” (ROUSSEAU, 1995, p. 68).

Ferretti (2004) apropria-se do termo roussoriano, “ilustração”, para explicar como ocorre o término da infância. A leitura do teórico explicita que “ilustração” é à saída da infância, mais especificamente a “saída do homem de sua minoridade pela qual ele mesmo é culpado. Minoria é a incapacidade de servir-se de seu entendimento, mas na falta de decisão e de coragem para servir-se do seu sem condução de outrem” (FERRETTI, 2004, p. 23). Então a saída da infância se dá pela negação de ser conduzido pelo outro, a qual é concretizada por atitudes de autonomia.

Negro Alírio de *Becos da Memória* representa a vontade de ser conduzido pelo seu próprio saber, mostra insatisfação de ser submisso e aceitar passivamente os desejos do Coronel Jovelino. O menino cresce e adquire o poder da linguagem. Agora de posse do discurso vai enfrentar o coronel, pois o “moleque havia virado homem, uma espécie de líder do povoado”. Além disso, ele amplia esse conhecimento para os outros meninos, assume a posição de *griot*.

A narrativa também estabelece o desenvolvimento da linguagem como o elemento factível da saída de Negro Alírio da infância para a vida Adulta. Para Ferretti (2004), sair da infância é dar “um giro no campo da palavra e da linguagem e, portanto, uma outra posição subjetiva”. “Esse giro de posição discursiva é a própria condição de possibilidade de que venha a ex/istir – existir fora de si – um tempo de infância, um tempo de espera a ser fruído por seres pequenos que, no entanto, sonham em serem grandes”.

Em *Ponciá Vicêncio* a passagem da narrativa que mais caracteriza a morte do sentimento da infância é o corte do milharal. A puerícia é descaracterizada, as vivências da menina Ponciá passam a ser como a dos adultos negros, diariamente é submetida à injustiça social, conhece a dor e a (in) felicidade tanto ou mais que o adulto e experimenta o labor do trabalho. Vivência o rompimento entre o sonho e a penosa realidade.

A composição dessas personagens infantis contribui para compreendermos a ideia de que a infância nesses romances é estreitamente cerceada. Instaure-se então uma nova concepção de infância, determinada por uma ordem socioeconômica e cultural e destituída do lúdico que com que frequentemente é representada.

O retorno a infans: a alegoria da origem, retorno à origem/ao início da fala

Rousseau alia à noção de infância a ideia de um estado ao qual se pode retornar e retroceder: “Éramos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade nos mergulharam novamente na infância” (ROUSSEAU, 1995, p. 23).

A leitura de Ferretti sobre Lacan permite essa compreensão, o mesmo define a infância como “um estado do qual se deve sair e ao qual se pode retroceder ou permanecer nele, sem avançar” (FERRETTI, 2004, p.24).

Em *Ponciá Vicêncio* vemos tanto a saída da infância (antecipada) como também o retorno para esta. A saída é percebida quando vemos a criança perder na narrativa, o elemento que representa sua inocência, quando o direito de brincar e a proteção e o cuidado lhe é negado, e quando o espaço da brincadeira lhe é impossibilitado. A infância se distancia da personagem. O retorno à infância ocorre quando depois de uma frustrada vida na cidade, a protagonista se torna um “sujeito sobre o qual se deve agir” (FERRETTI, 2004, p. 24) é conduzida pelo irmão e pela mãe até as águas. A infância é suplantada, esse retorno é entendido como o retrocesso.

Alegoricamente essa saída da infância e esse retorno são muito significativos para compreendermos as narrativas de Evaristo. Ao buscarmos nos principais estudiosos da infância, uma definição para esse conceito deparamo-nos com uma incompletude, pois “não há uma palavra que contemple o significado real de infância” (KOHAN, 2007). A exclusão da infância começa pela exclusão da palavra, uma questão antiga, que segundo Kohan remonta-se aos gregos do Período Clássico:

Percebemos, então, que a etimologia latina da palavra “infância” reúne as crianças aos não- habilitados, aos incapacitados, aos deficientes, ou seja, a toda uma série de categoria que, encaixadas na perspectiva do que ela “não têm”, são excluídas da ordem social. Dessa maneira a infância está marcada desde a sua etimologia por uma falta não menor, uma falta que não pode faltar, uma ausência julgada inadmissível, a partir da qual uma linguagem, um direito e uma política dominantes consagram uma exclusão. Em razão de um falta, a infância ficou fora, assim como à deficiência, a estrangeiridade, a ignorância e tantos outros faltosos (KOHAN, 2007, p. 101).

Diferente da concepção Kantiana em que a infância está atrelada a minoridade, no sentido metafórico de vida sem razão, obscura, sem conhecimento ou representação, “oposto das luzes, a falta de resolução e coragem no uso das próprias capacidades, a consagração da heteronomia” (KOHAN, 2007, p.109). É intenção das narradoras, desses romances apresentar infâncias, em que “a criança é um outro marginalizado- deveríamos

dizer o primeiro outro marginalizado, já que a infância sempre vem antes do ciclo da vida. Assim sendo, a criança possui o ambíguo status de estranho privilegiado, a voz oriunda das margens”(KOHAN, 1999, p.11). Objetivam também, criar espaços na narrativa para que de alguma forma essas vozes tenham destaques, além de fomentar artifícios para que ela possa ser ouvida e respondida. O resultado é a construção de narrativas que pensam a infância de crianças negras e problematizam seu espaço.

As infâncias apresentadas por Conceição Evaristo desafiam a tradição literária ao priorizar a questão do papel social designado para as crianças, e oferecem elementos para pensar suas condições de crianças negras. Ela mostra a exclusão não a reforçando, mas mostrando a possível capacidade de resistência na infância. Em suma, a visão que se tem na literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo é pensar a infância a partir do que ela tem, e não do que lhe falta: com presença; autonomia; como afirmação, e não como negação, como força, e não como incapacidade.

O resultado das análises dos romances conduz à consideração de que a estética romanesca de Conceição Evaristo privilegiou a representação da infância. A escritora não vela as dificuldades que as crianças negras passam, porém sua obra se destaca mesmo pela proeza de não tratar as crianças como meras vítimas sociais, mas por negociar a representação apresentando critérios do caráter infantil, o qual se distancia das concepções de Ariès (“infância protegida”). Também, não é uma infância passiva, determinada pela ausência de linguagem, de consciência social ou conhecimento.

Os trajetos das personagens infantis de Conceição Evaristo, na verdade simbolizam a história de uma coletividade, o povo negro brasileiro, um povo que sempre foi visto como um infante, sem razão e sem coragem. Ou que foram obrigados a retornarem a condição de infante mediante a escravidão e os resquícios dela.

Assim como a palavra ‘infância’ está relacionada à ausência daquilo que o adulto tem, a uma falta, a uma incapacidade, a expressão ‘negro’ sempre esteve associada a elementos negativos, ao inferior, a diferença ou a falta em relação ao branco. De modo que, assim como as crianças, os negros estão encaixados numa perspectiva do que eles não têm, está de igual modo, excluídos da ordem social. Nesse sentido as tramas denunciam o retorno forçado, obrigatório, do negro a condição de infante. Em contraponto coloca-o no seu devido lugar, no lugar da resistência, do reconhecimento identitário, no lugar da consciência.

Assim, ao representar crianças em seu estado primeiro de felicidade está sinalizando para a história do negro antes de conhecer a amarga escravidão, a queda da

infância é, portanto o momento que os mesmos são condicionados a escravos. Pode-se entender que a queda ou a saída da infância é a figuração de todas as chagas vivenciada pelos ancestrais negros. Enfim o retorno ao infans representa a condição atual do negro, em que a sociedade racista brasileira teima em deixá-los na subalternidade.

Nessa alegoria temos uma revisão histórica do trajeto do povo negro com as situações problemáticas que passaram, mas ela não alimenta o lamento da senzala, as narradoras põem em cena crianças com liberdade para falar, pensar e agir. O objetivo maior da narrativa é mostrar a resistência de crianças negras que simboliza a resistência do povo negro, o qual não se conformou com a ordem social nem se assemelhou ou assimilou-se. Assim, essas obras podem ser consideradas referências de personagens negras infantis que criaram mecanismos de ruptura de silêncio e padrões impostos aos negros pela hegemonia racial. Essas narrativas são importantes especialmente porque contribuem para o surgimento de novas concepções de infância no contexto pós-colonial.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- EVARISTO, Conceição. (2013) *Becos da Memória*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- _____ (2005). *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- FERRETTI, Maria Cecília Galletti (2004). *O infantil Lacan e a modernidade*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2004.
- KOHAN, Walter O. (2007). *Infância, estrangeiridade e ignorância – ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte, Autêntica.
- _____ e KENNEDY, David, organizadores, (1999). *Filosofia e infância: Possibilidades de um encontro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. – (Série filosofia e criança; v. 3).
- KRAMER, Sonia (2003). “*Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie*”. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, pp. 83-106.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1995). *Emílio, ou da Educação*. Tradução: Tradução: Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Bertrand.
- STAROBINSKY, Jean (1991). *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o Obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau*. São Paulo: Companhia das Letras.